

F
920.5
M527

ARNON DE MELLO

Senador da República

PENSAMENTO
E
AÇÃO

Serviços Gráficos GAZETA DE ALAGOAS

Maceió — Alagoas

Discursos do Senador Arnon de Mello no Senado Federal já publicados :

Energia Nuclear
Pesquisa
Ciência e Democracia
Resposta ao Senador Edward Kennedy
Emigração de Cientistas
Responsabilidade do Legislador
Desenvolvimento Científico e Tecnológico
Vereadores
Pelé no Senado
América Latina: Educação e Progresso
Inquérito parlamentar Sobre Evasão de Cérebros
Legislação Social e Desenvolvimento (1930-1964)
Alagoas, Petróleo e Petrobrás
Cientistas-Meninos
Comunidade Luso-Brasileira
Brasil, Passado e Presente
Rondon, Telecomunicação e Desenvolvimento
A Transamazônica e o Desenvolvimento do Nordeste
Açúcar: Fator de Equilíbrio da Unidade Nacional
Problemas de Educação
Três Alagoanos
Pensamento e Ação
Missão de Governo
Chefes de Estado
Oposição e Governo

~~outros discursos:~~

UMA EXPERIÊNCIA DE GOVERNO

~~Livraria José Olympio Editora~~ — Rio
BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL



Para correspondência e pedidos:

Rua México, 168 — 10.º — Salas 1001/05
Rio de Janeiro

ASSIS CHATEAUBRIAND

Sr. Presidente: (*)

Nobres e altas vozes já se fizeram ouvir neste plenário e em todo o Brasil em louvor de Assis Chateaubriand, que há cerca de dois meses faleceu. Se, por falar somente hoje a seu respeito não perturbei com as minhas pobres palavras desafinadas o côro ilustre das homenagens que a Nação justamente lhe prestou no instante mesmo de seu desenlace, tenho que também não chego tarde para dizer-lhe dos meus sentimentos. Ao atingir os grandes homens, a morte como que perde, até certo ponto a importância, tanto permanecem êles vivos através da projeção de suas obras. Na verdade, é contínuo o desdobrar de suas ações e inspirações, que têm efeito multiplicador constante nas idéias que geram, promotoras de novas realizações.

REAFIRMAÇÃO DA PERSONALIDADE

Já se viu, no caso de Assis Chateaubriand, como a sua personalidade forte se reafirmou logo poucos dias após o seu desaparecimento, quando antigos e novos companheiros assumiram solenemente o compromisso de continuar unidos a obra do Velho Capitão, e confiaram, em comovedora unanimidade, a responsabilidade suprema da direção da grei a um jovem mas já calejado Capitão, bem provado e sofrido nas lutas e sacrifícios da jornada sem fim pela causa pública: João Calmon. E ainda ontem se hasteou em Campo Grande, Mato Grosso, mais uma bandeira da organização — o nóvel

(*) Discurso pronunciado na sessão do Senado Federal de 30 de maio de 1968, em Brasília.

“Diário da Serra” — última vontade manifestada pelo comandante em chefe que nem por não estar mais presente é menos ouvido e respeitado.

R E C O R D A R

Falar sôbre Assis Chateaubriand é para mim recordar. Recordar um passado que nunca deixou de ser presente nas marcas com que fixou os rumos da minha vida, através dos quatorze anos de nossa convivência nos Diários Associados.

Fui dos amigos de Chateaubriand que menos o viram nos oito anos em que permaneceu fisicamente imobilizado pela enfermidade, embora sempre atuante no borbulhar das idéias e iniciativas, pois não entendia a vida na omissão e na inação. As vêzes que o ví, no Ceará, em São Paulo, no Rio de Janeiro e em Londres — pois a doença não o impedia de viajar por todos os quadrantes —, sofri o impacto da emoção mais profunda, misto de incompreensão e revolta contra a injustiça que siderara o combatente incansável, espírito fagulhante de luz num corpo quase inerte para os movimentos com que executasse as criações do gênio. A vê-lo na imobilidade, numa conformação que, aliás, mais o agigantava, pois, desdobrando-se em iniciativas e empreendimentos de tôda ordem, dava a impressão de que não carecia da força física para lutar, preferia eu o entendimento com êle através dos artigos e discursos que os sofrimentos nunca o impediram de escrever e produzir em defesa das mais belas causas e dos mais altos interesses dêste País.

P A R A F E S T E J A R

Ocupo, Sr. Presidente, esta tribuna, não para chorar um grande morto mas para festejar alguém que continua iluminando os caminhos da Nação com os lampejos de seu gênio e a perenidade de seus atos. Dêle não poderia eu falar sob a emoção da notícia de que fechara os olhos para a vida. Só hoje, passado algum tempo do seu desaparecimento, me é possível fazê-lo com a serenidade de quem refere um ser humano cuja personalidade superou de tal modo as medidas da normalidade que parece ainda bem viva a impulsionar a obra que criou.

Em meio a tantos aspectos ofuscantes da existência de Chateaubriand, acontecimento humano, pedaço da Natureza tão cheio de contrastes, estimaria eu fixar, nesta ligeira pági-

na de lembranças, alguns daquêles episódios a que assisti e, parecendo insignificantes, definem a criatura na grandeza da sua condição humana.

ENTREVISTA COM OS VENCIDOS

Recém-chegado das minhas Alagoas, com dezoito anos, fizera eu para o “Diário de Notícias”, do Rio, uma série de entrevistas com os políticos vencidos pela Revolução de 1930. Em meio ao alarido das vozes dos vitoriosos do dia, sugeri a Orlando Dantas, fundador e diretor do “Diário”, que ouvíssemos os derrotados, as vozes do outro sino. “Mas êles não falam” — obtemperou-me Dantas. Propuz-me a procurá-los. “Está bem — assentiu Dantas —, mas só depois de obtidas cinco entrevistas, anunciaremos a publicação da série.” Exultante, logo reuní os nomes dos vencidos que ainda se encontravam no Rio: Gilberto Amado, Humberto de Campos, Mello Viana, José Maria Bello, João Thomé, Fulvio Aducci, Lauro Sodré e outros. Telefonei-lhes, e nenhum se recusou a falar. As suas palavras, revelando consciência tranquila, dignidade, bravura cívica e patriotismo, deram à minha juventude novas esperanças no futuro do Brasil.

NOS DIÁRIOS ASSOCIADOS

Humberto de Campos, que colaborava nos “Diários Associados”, e foi dos primeiros a ser por mim entrevistados, ficou meu amigo e procurou ajudar-me. Não queria eu trabalhar nos jornais de Chateaubriand? — perguntou-me um dia. Concordei com a idéia, mas lembrei ao amigo que eu me estreará no Jornalismo com reportagens de crítica à Revolução triunfante, de que Chateaubriand era um dos arautos. Aceitaria êle a colaboração de quem jamais abdicaria de sua independência e de suas idéias? “Vou falar-lhe” — respondeu-me Humberto de Campos —, e dias depois me comunicava que Chateaubriand acolhera bem o meu nome, dizendo-lhe: “Não é aquêle menino que entrevistou os derrubados pela Revolução? Vamos convocá-lo.”

MISSÕES JORNALÍSTICAS

E mal ingressei nos “Diários Associados” comecei a re-

ceber incumbências até acima das minhas forças, ao estímulo da confiança de Chateaubriand. Desentenderam-se os gaúchos integrantes do Ministério de Getúlio Vargas, em março de 1932, do que resultou a demissão de Lindolfo Collor, João Neves, Maurício Cardoso, Batista Luzardo? Era eu mandado ao Rio Grande do Sul para entrevistá-los, e a Flores da Cunha, interventor do Estado, e a Borges de Medeiros, papa verde dos pampas. Explodia a Revolução Paulista como protesto contra a permanência da ditadura? Seria eu o correspondente de guerra dos “Diários Associados” no vale do Paraíba. O Brasil enviava em 1935 uma missão financeira aos Estados Unidos, chefiada pelo Ministro da Fazenda? Era eu o repórter que a acompanharia, incumbido ainda de entrevistar, como o fiz, o Presidente Franklin Roosevelt, o embaixador Brown Scott, velho amigo de Joaquim Nabuco, e o Senador Hue P. Long, o demagogo da Luisiana que se propunha a fazer de cada homem um rei.

INCOMPREENSÃO

Chateaubriand logo me distinguiu com a sua amizade. Quase diariamente, almoçávamos e jantávamos juntos na velha Rotisserie Americana ou no Restaurante Roma, no Rio de Janeiro, e aos domingos saíamos a visitar amigos e políticos em evidência. Recordo que, certa tarde de um desses domingos, íamos à casa de Mário Brant, na Barra da Tijuca, no velho Rall Roice que Chateaubriand tanto amava. Era verão, chovia fino e nuvens negras anunciavam temporal. Ao passarmos pela Avenida Niemeyer, Chateaubriand teve sua atenção atraída para uma jovem doméstica que caminhava ao lado do barranco, sem ter com que se abrigar da chuva. Estendeu a cabeça para fora do automóvel, e disse, com sua bondosa galanteria:

— Minha filha, não quer entrar aqui por causa da chuva?

A mulata estrilou:

— Vê lá se te dou confiança! Dê-se a respeito!

E Chateaubriand, voltando-se para mim, com o ar triste do incompreendido:

— Viu? A gente quer fazer o bem e recebe destas!

Pelos anos fora, quantas vezes não foi Chateaubriand mal compreendido como nesse episódio! Em quantas campanhas se meteu, desinteressadamente, com a preocupação do

bem público, e foi mal julgado, atribuindo-se-lhe, a êle, objetivos pessoais?

DEVER DA IMPRENSA

Outro episódio da vida de Chateaubriand bem evidencia sua personalidade e a maneira como conduzia seus jornais. Estávamos almoçando, os dois, no Restaurante Roma, à rua da Assembléia, quando de nossa mesa se aproximou um amigo seu, interessado em que se reabrissem os cassinos, isso depois da revolução de 1930, bem antes da proibição do jôgo, determinada pelo Presidente Eurico Dutra, em 1946. Chateaubriand recusou-se a atender o amigo.

— Não fica bem aos nossos jornais defenderem a reabertura dos cassinos. Os nossos leitores não receberiam bem uma atitude destas de nossa parte — disse-me êle, quando o amigo se afastou.

E conversamos, então, a respeito do prestígio da imprensa. Fazia ela a opinião pública ou a esta se submetia? Considerava Chateaubriand que ao jornalista cumpria captar as aspirações do povo, interpretá-las e defendê-las. Era questão de sensibilidade o captá-las e de inteligência o defendê-las.

EMOTIVO

Estávamos às vésperas de um *sweepstake*, que acabava de ser instituído pelo Joquei Clube do Rio de Janeiro. Chateaubriand comprou vários bilhetes para concorrer aos prêmios da loteria hípica. Um amigo observou-lhe que iria ganhar uma fortuna.

— Eu, não — respondeu prontamente Chateaubriand — as nossas emprêsas. Nada quero para mim senão para nossas emprêsas.

Desentenderam-se Chateaubriand e um grande companheiro pelo qual nutria a maior estima. Ausente do Rio, numa estação de águas, soube do fato quando regresssei. Amigo de ambos, procurei esclarecer o mal entendido. Ao voltar a falar sôbre o assunto com Chateaubriand, sensibilizou-me o grande Capitão:

— Sou na realidade um emotivo — disse-me, em lágrimas.

SER NACIONAL

Nesta Casa, Sr. Presidente, estêve Chateaubriand por quatro anos, em duas sessões legislativas, numa representando a sua Paraíba e na outra o Maranhão, dois Estados do Norte-Nordeste, como se assim mostrasse o ser nacional que era, nascido no Nordeste, vivendo no Centro-Sul e pensando e agindo por todo o Brasil com a sua cadeia de jornais que cobre os quatro pontos do nosso território. Nos anais desta Casa se encontram as manifestações da sua inteligência e cultura e do seu destemor em assumir posições, quer se tratasse do açúcar, do café, petróleo, cacau, algodão, de questões econômicas, financeiras ou sociais, quer se tratasse dos assuntos ou problemas políticos mais polêmicos e combustíveis.

INDIVIDUALIDADE UNIVERSAL

Individualidade universal, dentro da qual habitavam, em coexistência pacífica, a ternura da sensibilidade artística, os assomos da criatura telúrica, a elegância e bravura do gladiador, a lucidez do homem de Estado —, marcou êle a sua vida não apenas pela fundação de jornais, revistas e emissoras de televisão e rádio, fazendas e indústrias, mas especialmente pelas idéias que espalhou e pelas campanhas que promoveu em benefício do futuro do Brasil, a dos postos de saúde, a das escolas de aviação, a dos museus de arte. E ainda: a do voto secreto e eleições livres, em 1930; a da constitucionalização em 1932, quando foi preso, e em 1945; e especialmente a intensa, apaixonada e constante campanha pelo desenvolvimento nacional. Lançava-se a tôdas elas com a alma dos que nada têm a temer porque agem sob o imperativo do sentimento do dever, dominados pela fé e pelo entusiasmo dos missionários.

RENOVADOR

Era um renovador, palavra e ação postas a serviço da aceleração do progresso nacional. Muito renovou a nossa imprensa, foi pioneiro da televisão nêste País, e defensor infatigável da nossa integração no mundo nôvo da tecnologia. Empenhava-se em "fazer o Brasil andar de pressa". "E' ne-

cessário ganhar o tempo perdido” — dizia no patamar do seu livro de discursos pronunciados neste plenário, na década de 50, sobre os grandes problemas do país.

DEMOCRATA

Era um democrata. Dono de um poder incontrastável que se espraiava por todo o país — a maior máquina de divulgação que aqui já se montou —, dela não se aproveitou para tirar a liberdade dos outros mas sempre para defendê-la, desafiando os governos mais poderosos ainda que corresse os maiores riscos. Defendeu-a, como em 1930 e 1932, de armas na mão. E defendia também o entendimento para alcançar o o objetivo comum. No discurso com que tomou posse de sua cadeira nesta Casa, cujo *sense of leadership* e espírito de comunidade tanto o alegraram, pregou a união indestrutível de todas as forças políticas para “garantir o ideal coletivo de liberdade, de direito e de justiça”. E acentuava: “Sejam quais forem os pontos de doutrina que nos separem, existe um denominador comum em torno do qual precisam entender-se os republicanos de todos os matizes”. E mais: “Define-se pela tolerância essa plenitude do espírito democrático. Quanto mais tolerante, mais forte é uma democracia.”

AMOR À LIBERDADE

Como jornalista, assim agiu, embora o temperamento às vezes o levasse a excessos de que logo se arrependia. Mas o amor à liberdade foi uma constante em sua existência. Entrou na vida política pelo voto do povo, pleiteando o mandato nos comícios populares, e de corpo inteiro, com palavras de extrema franqueza, ditas para serem cumpridas, e não com palavras solertes para ocultarem o pensamento e apenas conquistarem sufrágios.

CIDADÃO DO MUNDO

Era Chateaubriand um cidadão do mundo, avesso à rotina e dado à aventura, imaginação acêsa, coração e espírito sequiosos de emoções e conhecimentos, mas sempre fiel às suas raízes e a si mesmo, vivendo, com a mesma desenvoltura de uma personalidade inamoldável, em qualquer idade,

em qualquer circunstância e em qualquer parte — menino pobre, estudante, na sua Paraíba ou em Pernambuco, como já encanecido, poderoso proprietário de um império de grandes veículos de divulgação, embaixador do Brasil junto à Corte de Saint James. Não abdicou jamais de sua liberdade de dizer e muito menos da de fazer e de ser. Nunca perdeu a autenticidade.

CLIMA DOS TEMPORAIS

Seu clima era o dos mares encapelados, dos temporais, dos furacões. Desprezava as facilidades e criava e buscava as dificuldades como para testar sua capacidade de resistência e de luta. E assim, indomável, foi até os últimos tempos de vida, durante os quais travou a sua maior batalha: a batalha contra a morte, que, depois de lhe haver desfechado, ao combatente imbatível, os primeiros golpes, se conteve, recuou, por vários anos se deteve, quase diria respeitosa ante a força e grandeza do gigante ferido.

Já desta tribuna citei, Sr. Presidente, as palavras de Carlyle, segundo as quais a coragem não é morrer dignamente mas viver como homem. Chateaubriand, ser universal, alcançou os dois polos: viveu como homem e morreu dignamente.

LOURIVAL FONTES

Senhor Presidente: (*)

Eu não poderia deixar de associar-me às homenagens prestadas pelo Senado ao ex-Senador Lourival Fontes. Conheci-o em 1930, já então firmada a sua personalidade de escritor. Mas com êle convivi sobretudo quando, militante da política trabalhista, exercia a Chefia da Casa Civil da Presidência da República, e eu, o Govêrno de Alagoas, os dois em campos partidários opostos. Vi-o, então, a Lourival Fontes, no esplendor das suas qualidades de homem público. Em meio às paixões mais efervescentes, não perdia a serenidade nem a lucidez. Fiel amigo do seu líder, o Presidente Getúlio Vargas, não era o sentimento pessoal, muito menos o interêsse que lhe motivavam as atitudes, e sim o espírito público, isento, impessoal. Nos momentos mais difíceis daquela tumultuada quadra histórica da vida brasileira, ficava às vêzes, dentro da área em que atuava, solitário, nas suas opiniões e sugestões, porém delas não abdicava, porque não as tinha para ser agradável a ninguém mas por um imperativo da consciência e para servir ao bem comum.

Conhecia os acontecimentos dos bastidores, e lhe sobrava sensibilidade para aperceber-se da sua significação e das suas repercussões lá fora. Não o satisfiziam os ambientes de estufa do Poder, tão povoados de miragens. Abria janelas para a rua e se informava de tudo, do bom e do ruim, liberto do comodismo e dos temores do desagrado. Nunca se iludiu. Enxergava na borrasca como na bonança. Não perdia jamais a noção da realidade. Não tinha bloqueios nem

(*) — Discurso pronunciado na sessão de 8 de março de 1967 do Senado Federal, em Brasília.

distorsões da visão nas dificuldades ou nas facilidades, porque não era dado a certezas nem se distanciava, mesmo nas alturas do Poder, da sua condição de ser humano. Depositário da integral confiança do Presidente, a simplicidade e o equilíbrio de Lourival Fontes nos davam a impressão de que êle tinha sempre presente o conselho de São Paulo na sua segunda epistola aos coríntios: "Quando estiveres de pé, toma cuidado porque podés cair". Assim serviria melhor, como realmente serviu, ao Governo e ao País.

CORAGEM

Homem de pensamento e de ação, reunia a agudeza no discernir à coragem no afirmar e atuar. Ninguém falou a Getúlio Vargas com mais nitidez e franqueza. Seu companheiro dedicado na fase de ostracismo e de sofrimento, não se considerava, na hora do fastígio, credor privilegiado para reivindicar direitos pessoais ou políticos. Permitia-se, entretanto, a autoridade moral de exprimir os seus pontos de vista e defender os princípios e as idéias que a seu ver correspondiam aos altos interesses nacionais.

De que mais precisava o Brasil àquele tempo cheio de material combustível, quando o homem elevado ao Governo em 1930, pela força das armas e, por estas, em 1945 dêle apeiado, a êle voltara em 1950 pelo voto popular?

De paz, evidentemente. Lourival Fontes empunhou, então, a bandeira da paz. Não a paz dos cemitérios e dos pântanos, feita de omissões e demissões ante as necessidades e os apêlos coletivos, e alvo do desprêso geral. Mas a paz creadora, que beneficia a comunidade, na qual a cordialidade se estabelece para o respeito mútuo e os debates construtivos. A paz que tem o povo por meta suprema, o bem estar do povo, a solução dos angustiantes problemas do povo brasileiro, dos sem-pão, dos sem-teto, dos sem-saúde, dos sem-escolas.

Para Lourival Fontes, governista, o adversário, o oposicionista, não era um marginal a que se fechassem as portas nem um inútil cuja atuação se pudesse menosprezar ou dispensar. Era, ao invés, também um combatente do bem estar social, com responsabilidades graves a cumprir, tanto quanto o correligionário. Dominado pelo espírito de conciliação, que é uma das características mais sedutoras da nossa gente, esforçava-se em tranquilizar a Nação através do entendimento

entre os seus líderes separados pela incandescência das paixões partidárias.

DEPOIMENTO

Disso devo eu, nesta hora de luto, Senhor Presidente, Senhores Senadores, dar meu depoimento da tribuna do Senado. Dirigente da UDN e por cinco anos Governador de Alagoas, não sofri hostilidades nem encontrei dificuldades da parte do Governo Federal para servir ao meu povo e desenvolver o meu Estado. Antes pelo contrário, dêle tive tudo no plano administrativo: desde os créditos para pavimentar e construir estradas e para fazer o saneamento de Maceió, então a única capital do litoral brasileiro sem serviço de esgotos, e para levar água aos seus bairros mais pobres e mais distantes, até os auxílios para construir o Centro Educacional de Maceió, as escolas e os ambulatórios e postos de saúde espalhados pelo interior do Estado, e para distribuir sementes e instrumentos de trabalho aos agricultores. Jamais houve incompatibilidades entre o Governo do pequeno Estado, exercido por um udenista, e o Governo da União, presidido pelo poderoso chefe petebista.

Foi Lourival Fontes quem mais se empenhou nisso. Filho também de um pequeno Estado nordestino, visinho do meu, de onde saiu criança e pobre, sentia os problemas alagoanos, e ajudou-me a resolvê-los. Devem-lhe os meus conterrâneos êsse grande serviço.

NADA A TEMER

Quando a tragédia vitimou Getúlio Vargas, Lourival Fontes nada tinha a temer: naquele ambiente explosivo e passional, afastou-se do Poder em meio à estima geral, respeitado de todos, cabeça erguida, consciência tranquila do dever cumprido para com a Nação. Ninguém jamais o incriminou de alguma coisa que lhe atingisse a integridade moral ou a honra política. E os desavindos Partidos de Sergipe, tão inflamados nas suas divergências, se uniram em tórno dêle, fazendo-o Senador da República.

Nesta Casa, Senhor Presidente, Senhores Senadores, Lourival Fontes reafirmou as suas qualidades. Aí estão os

discursos que neste plenário pronunciou, páginas admiráveis de literatura política de uma alta inteligência lastreada em ampla cultura e com capacidade de ver a realidade, interpretar os fatos e sentir os problemas que amarguram o Brasil e o Mundo.

Com a morte de Lourival Fontes, desaparece uma autêntica vocação de homem público que, no Poder ou fora d'êlo, serviu sempre à Nação, quer através de sua palavra e de sua pena de escritor, quer através de sua conduta e de sua ação.

E' profundamente emocionado, Senhor Presidente, Senhores Senadores, que reverencio neste momento a memória do grande morto.

ORLANDO DANTAS

Sr. Presidente : (*)

Não estava eu aqui no momento em que todo o Senado, em expressiva unanimidade, pela palavra dos eminentes líderes do Governo e da Oposição e de outros ilustres Senadores, comemorou o 37.º aniversário do "Diário de Notícias" da Guanabara, aprovando moção do nobre senador Cateete Pinheiro. É excusado dizer que, presente neste plenário, teria eu desde logo juntado a minha voz a vozes tão autorizadas para destacar o papel desempenhado por aquêlê jornal na vida brasileira, a partir da década de 30.

Do "Diário de Notícias" posso falar quase diria como testemunha, não apenas testemunha que lhe acompanhou a trajetória gloriosa mas também que a viveu, pois nêlê ingressei como repórter, pouco depois de sua fundação, e nêlê passei momentos dos mais intensos da minha carreira jornalística.

Recordo bem quando, pouco antes da revolução de 30, surgiu o "Diário", com a cobertura de um excelente grupo de profissionais da imprensa, à frente dêlê Orlando Dantas, Nóbrega da Cunha e Alberto Pimentel. Era de serenidade e bom-senso o seu traço característico, ainda que atuando em meio inflamado pelas paixões políticas da campanha eleitoral recém-encerrada, com derrota dos candidatos oposicionistas. Apoiando a Oposição, não se perdia na exacerbção de ânimos nem no destempêro de linguagem, e navegava tranquilo nas águas revoltas do ambiente de extrema tensão e por fim ainda mais comburido, o povo traumatizado com o impacto terrível do assassinato do Presidente João Pessoa, da Paraíba.

(*) — Discurso pronunciado na sessão de 14 de junho de 1967, no Senado Federal, em Brasília.

EXPLOSÃO

Em outubro, deu-se a explosão já antevista mercê do material combustível de que se inundara o país. No comando supremo da sua nau, Orlando Dantas conduzia-se com um grave senso de responsabilidade perante a opinião pública. Vindo dos Diários Associados, onde se iniciara na vida de imprensa com os encargos do setor econômico do jornal, no “Diário de Notícias” aumentaram-lhe os deveres, porque lhe cabiam a sua orientação política e a estruturação e direção da empresa. Testaram-se aí, com êxito, o seu espírito público e o seu tino administrativo. Naqueles dias tão conturbados da vida nacional, o país siderado por uma crise econômica que atingira o mundo todo, o equilíbrio era a nota predominante do jovem órgão de imprensa — equilíbrio na posição política e equilíbrio na situação econômica e financeira. Não se excedia na apologia dos vitoriosos nem tripudiava sobre os derrotados. Não transigia na sua linha de independência face aos poderosos, de cujas benesses não carecia dentro de uma vida modesta mas sempre altaneira.

EPISÓDIO

Cito um episódio marcante da conduta de Orlando Dantas. Jovem repórter de 18 anos, assistindo diariamente ao ribombar da eloquência flamejante de muitos vitoriosos, cada qual mais dogmático no emitir conceitos quanto ao passado e ao presente do Brasil e no apresentar planos para abrir-lhe o futuro, imaginei ouvir também os vencidos, ainda porque seria a voz do outro sino, uma nota nova na euforia dos triunfadores.

— E eles terão ânimo para falar? — perguntou-me Orlando Dantas.

E, à minha resposta confiante:

— Pode entrevistá-los. As colunas do “Diário” estão abertas a eles para sua defesa e até para a crítica ao nôvo govêrno.

E, a seguir:

— Mas só depois de obtidas cinco entrevistas, publicaremos a primeira, anunciando a série.

Assim foi feito, e a série de bem mais de cinco entrevistas saiu, sob o título ‘Os Sem Trabalho da Política’, com a melhor repercussão pela dignidade e coragem dos vencidos

no encararem a situação dominante e no enfrentarem a nova vida cheia de dificuldades.

A VOZ DO SILÊNCIO

Apoiando o Governo revolucionário, sincera e lealmente, dêle se distanciou, entretanto, o “Diário de Notícias”, quando, reingressado o país na vida constitucional, em 1934, tornou à ditadura em 1937. Enquanto pôde falar, falou para protestar. Quando lhe foi negada a palavra, o seu denso silêncio como que se fazia ouvir tal uma impreciação, e o povo entendia a sua nova linguagem, imposta pelas circunstâncias. E em qualquer artigo sôbre qualquer assunto, o leitor que procurasse ler as entrelinhas que nelas quanto possível encontraria — a despeito dos riscos que o jornal enfrentava — o protesto contra a ditadura, a orientação para combatê-la e a informação para condená-la.

Convocado pelo DIP, órgão de propaganda do Estado Novo, que lhe oferecia uma ajuda financeira em troca de publicações favoráveis à ordem de coisas vigente, recusou-se Orlando Dantas a receber um centavo sequer, e se negava também, sempre que possível, numa teimosia que era temeridade, a publicar o quer que fôsse em favor do regime vigente. Escreveu, realmente, o “Diário de Notícias” uma das páginas mais belas de civismo da nossa história naquela hora dramática. Mas o seu papel, então, não se limitava à palavra, estendia-se à ação. Lindolfo Collor, Otávio Mangabeira, Artur Bernardes, exilados, longe da Pátria, recebiam de Orlando Dantas estímulo e apoio, alguns mesmo apoio financeiro.

A caixa modesta e magra do jornal que aqui se batia para tirar a Nação da ditadura ainda encontrava recursos, embora poucos, para ajudar líderes democráticos a enfrentarem as agruras do exílio e perseverarem na luta pelos mesmos ideais.

Esta fase de sua existência já se si explicaria e justificaria o prestígio que desfruta hoje o “Diário de Notícias”. Mas a sua existência atual é marcada pelas mesmas características que o afirmaram no conceito público desde o seu nascimento.

APARTE

O Sr. Paulo Sarasate — Permite V. Exa. uma interferência?

O SR. ARNON DE MELLO — Pois não.

O Sr. Paulo Sarasate — Quero dar um testemunho do que V. Exa. vem dizendo acérrca da personalidade inconfundível de Orlando Dantas. Em 1946, êle era para nós, os constituintes da extinta União Democrática Nacional, como que um conselheiro. Recordo-me bem de que rara era a noite em que Octávio Mangabeira, portento de sabedoria política, Prado Kelly, José Augusto e tantos outros iam ao “Diário de Notícias” colhêr elementos através daquela verdadeira caixa de ressonância da opinião pública para a sua atuação no seio da Grande Assembléia. Orlando Dantas era, realmente, um grande jornalista e, sobretudo, um homem de reflexão, de ponderação e de aguçado senso político, que a todos nós infundia respeito, estima e admiração. Associe-me, portanto, às homenagens que V. Exa., através do seu discurso, está prestando à sua memória. E reverenciar Orlando Dantas é exaltar o “Diário de Notícias” de ontem, de hoje e de amanhã.

PATRIMÔNIO CÍVICO

O SR. ARNON DE MELLO — Muito obrigado a V. Exa., nobre Senador Paulo Sarasate, pelo seu aparte, que vem ilustrar minhas palavras.

Aquele tempo dirigido por Orlando Dantas e hoje conduzido pelo seu filho, Embaixador João Dantas, e pela sua companheira de ideais, senhora Ondina Dantas, — que à ação de dirigente do jornal alia intensa atividade em favor dos menores desamparados — é o mesmo hoje, tanto quanto ontem, o seu amor às causas do povo e do Brasil.

Eis a razão da manifestação unânime com que o Senado saudou o seu aniversário. Não podia, aliás, ser o Senado indiferente a tal data, quando se homenageia uma trincheira da democracia que é a razão mesma da existência do Parlamento. O aniversário de um jornal da categoria do “Diário de Notícias”, independente e bravo, é uma prova de que a liberdade existe e não está sem defesa. O seu passado demonstra, como o seu presente, que os interêsses dêle são os interêsses do regime democrático.

Associe-me, Sr. Presidente, como antigo repórter do “Diário de Notícias” e como democrata, às homenagens que aqui lhe foram prestadas, ao seu fundador Orlando Dantas, cuja memória reverencio, e aos que hoje mantêm e engrandecem o seu patrimônio cívico.

GILBERTO FREYRE E WALT WHITMAN

Minhas senhoras, Meus senhores: (✱)

Ao me distinguir Juracy Magalhães, Presidente da Sociedade dos Amigos da América, com a incumbência de saudar Gilberto Freyre, bem avaliei minha responsabilidade para falar sôbre o mestre de "Casa Grande e Senzala", cuja obra, segundo já acentuou Alvaro Lins, não pode ser devidamente apreciada pelos contemporâneos, pois só o Tempo nos dará perspectiva para determinar-lhe a magnitude. Além da profundidade dos seus estudos, da seriedade das suas pesquisas, da sua erudição, da sua universalidade, há de se lhe acrescer, com a originalidade, a flama do revolucionário que agita e renova, e, sem perder o gôsto da tradição, projeta-se para o futuro sempre animado do viço e do ardor da juventude.

Mas, além de muito se alteiar, além de transcender os limites da sua época, de Gilberto Freyre já se disse tanto que o referi-lo fâcilmente nos leva ao lugar-comum. Ninguém, de fato, lhe pode ser indiferente, tais as suas seduções, tais os assuntos que encara, os aspectos que abrange, os problemas que suscita. Ao cientista, ao sociólogo, ao escritor, ao poeta, ao filólogo, ao pintor, ao artista, ao mestre como ao jovem estudante, ao leigo como ao sábio, sua obra conquista e apaixona. E não interessa apenas a nós, brasileiros, impregnada que está do Brasil, a começar pelo seu estilo, de poesia e sabor inconfundíveis, no qual se condensa o nosso próprio tipo de civilização baseada na mestiçagem. Seus livros vão sendo traduzidos com êxito para as línguas mais diversas. Por sugestão de Ortega y Gasset. "Nordeste" é edi-

(*) Discurso pronunciado a 22 de maio de 1947, na Associação Brasileira de Imprensa, em nome da Sociedade dos Amigos da América, que convidara Gilberto Freyre para falar sôbre Walt Whitman.

tado em espanhol pela Espassa-Calpe, e "Interpretação do Brasil" em Nova Iorque por Knopf, e no México pelo Fundo de Cultura Econômica. Gallimard, na França, e editôres da Holanda e da Suécia ainda agora lhe fazem propostas para a publicação de "Casa-Grande & Senzala", já lançado em espanhol, em segunda edição, na Argentina, e bem recentemente em inglês, na América do Norte e na Inglaterra. Waldo Frank, Stafford Cripps, Fernand Braudel, José Medina Echavarría, Antônio Sergio, Fernando Ortiz, Natalício Gonzalez, Otto Quelle, Gino Germani, Eduardo Mallea, homens dos Estados Unidos, da Inglaterra, da França, da Espanha, Portugal, Alemanha, Itália, Cuba, México, Uruguai, Chile, Paraguai, Argentina, dedicados a diferentes atividades intelectuais e de variadas posições ideológicas, lhe examinam e exaltam a obra. Professor extraordinário das Universidades de Stanford, Colúmbia, Indiana e Michigan, na América, tendo recusado cátedras especiais nas Universidades de Yale e de Harvard, acaba de receber convite para realizar conferências na França e na Suíça, e por último seu nome é apontado para o Prêmio Nobel de Literatura.

BRASILEIRO

É a consagração, lá fora, de um brasileiro que, depois de muito viajar, não voltou à terra mestiça mais branco do que dela saíra, nem para fazer-lhe remosques e exaltar as civilizações arianas. Muito pelo contrário, voltou ainda mais brasileiro, compreendendo e estimando seu povo, e confiando nele. Aqui, seus olhos descobriram sinais de personalidade onde até então só se reconheciam marcas de inferioridade. Indiferente ao meio hostil, que o acusava de inimigo da Igreja, de comunista, de falta de pudor e de amor à Pátria pela importância que atribuía ao sexo e ao prêto em nosso desenvolvimento de Nação, o jovem graduado de Colúmbia e estudante especial de Oxford provocou extraordinária valorização das nossas coisas, da nossa gente, dos nossos motivos, dos nossos traços característicos mais renegados. Isto, sem deixar de estudar as nossas deficiências, algumas não reconhecidas antes dêle, os erros da nossa formação e do nosso passado colonial, o que, em vez de situá-lo na condição de apologista sentimental, lhe realça a autoridade de crítico e de cientista. Com a sua contribuição e com o seu estímulo, promoveu-se uma revisão da nossa história, dos nossos valores, da nossa realidade. Recriou-se, redescobriu-

se o Brasil. Até Gilberto Freyre, éramos postiços, artificiais, de papel pintado. Ele fez que nos encontrássemos a nós mesmos, brasileiros de tôdas as origens, de todos os sangues e de tôdas as regiões, analisando-nos e interpretando-nos com lucidez e coragem. E defendeu o Brasil contra os próprios brasileiros cegos de esnobismo, buscando evitar que fôssemos uma caricatura ou uma cópia a papel carbono de outras terras, para dar-nos unidade, personalidade definida, que provoque interesse e curiosidade, e não indiferença e desprezo.

AÇÃO POLÍTICA

Com a mesma decisão, com a mesma bravura, o mesmo desassombro manifestados no sentido de renovar culturalmente o Brasil, integrou-se Gilberto Freyre na ação política. Tão grandes como nos seus livros, o intelectual e o brasileiro completaram-se e exprimiram-se na luta democrática em que encontravam a sua própria razão de viver. Com uma flama que lhe destaca a sinceridade, a força íntima, a seiva interior, o poder espiritual e emocional, esteve sempre na linha de frente nos momentos mais perigosos e difíceis. “Coragem de resistir e de clamar. Resistir quando todos desistem. Resistir sempre. Clamar no deserto” — são expressões suas a respeito de Euclides da Cunha, que lhe fixam bem a própria personalidade de escritor e de cidadão. Pernambuco era, no tempo da guerra, o ponto avançado do totalitarismo indígena. E ali, sem dali arredar o pé, decidiu êle combater até a vitória. No início da campanha de 1945, foi ao seu lado que tombou, fulminado por uma bala da polícia, o estudante Demócrito, assim como perto dêle caiu mortalmente ferido o carvoeiro Manuel Elias, e ninguém, até hoje, com palavras mais candentes e maior veemência condenou os assassinos e desafiou-lhes a fúria.

Agora o vemos deputado federal por imposição da mocidade pernambucana, da qual é o líder querido, companheiro mais velho mas não menos impetuoso. Sem força política organizada, sem jamais haver pensado em concorrer a pleito eleitoral, candidato no último dia do prazo marcado para as inscrições, sua campanha foi de verdades e de idéias, e sua eleição uma autêntica vitória da vontade popular independente.

É Gilberto Freyre no Poder Legislativo uma força que se afirma não apenas pelo seu nome e pelo seu passado, mas por suas idéias novas, ajustadas ao tempo e à terra. O sen.

so realista do pesquisador e do cientista, que sugere e conclui à base de dados positivos, é o mesmo do político que observa o povo, sente-lhe os sofrimentos e conhece-lhes as causas. Falando há um ano aos estudantes mineiros, definiu êle com precisão exemplar o seu pensamento sôbre a dura realidade dos nossos dias, dentro da qual murcham, definham e fenecem tanto o liberalismo individualista como o socialismo marxista, superados ambos pelo socialismo ou cooperativismo democrático. Os brasileiros que ouvem e compreendem o sociólogo hão de sentir no deputado a mesma sinceridade e clarividência, quando hoje lhes indica, no plano político, os caminhos certos que já lhes apontou no plano cultural.

7

W A L T W H I T M A N

Bem fêz Gilberto Freyre em preferir Walt Whitman para tema de sua conferência. Ninguém melhor que Whitman interpretou a América, definindo-lhe a missão em mensagens de acentos bíblicos e tons proféticos. Foi êle o revolucionário que buscou e descobriu nas riquezas naturais da Pátria, empolgada pela fortuna e pelo progresso, não o ouro, o carvão, o petróleo, mas o conteúdo humano e espiritual. Como raiz que mergulhasse fundo no subsolo das origens americanas, nas suas fontes mais puras, ganhou a sua voz um vigor primitivo e um colorido de virgindade. Integrou-se, fundiu-se nas coisas e nos seres. Por êle falavam fôrças telúricas, fôrças selvagens e místicas, apocalípticas. Eram rugidos de fera rebelada que se queria libertar e expandir além dos limites humanos. Nêle a identidade entre a idéia e a ação alongava-se na coincidência entre o pensamento e o próprio ser físico. Seus poemas não têm a frieza do raciocínio, mas o calor do sangue circulando nas veias. Realizava, de fato, em si mesmo, a unidade, tanto se lhe confundem inteligência e instinto, espírito e sentidos e nervos. Nesse estado de inocência, todo sensações e emoções, exprimia e sintetizava o homem, a natureza, a civilização americana, tudo unindo e universalizando. Seu amor ao próximo, sua dedicação fraterna ao ser humano, era ânsia de unidade, amor universal, liber-

tação: “só uma intensa preocupação com o próximo nos pode dar a autêntica posse de nós mesmos, e com ela a liberdade”. Daí lhe veio, com a atitude contra a escravidão, a exaltação pela Democracia, exaltação que nêle não se traduzia apenas nos poemas, mas desdobrava-se na ação renovadora.

Em campanhas eleitorais, como jornalista e como político, sempre acentuava Whitman a preponderância das idéias sôbre o homem e o partido, e considerava que ou a Democracia “penetra no coração dos homens, em sua sensibilidade e em suas crenças, com a mesma firmeza com que em seu tempo o fizeram o Feudalismo e a Igreja, ou sua fôrça será negativa”.

PROBLEMAS DE HOJE

Embora decorridos 128 anos do nascimento de Walt Whitman, os problemas de hoje não lhe destroem a pregação. Ele é antes para ser completado que negado. Além de verdadeiras e proféticas, adquirem suas palavras, neste momento, excepcional oportunidade. A Democracia, que precisa como nunca da nossa fé, do nosso entusiasmo, ainda não penetrou no coração de todos os homens, para os quais se restringe a simples cenário, mantido pelo acaso, ante a indiferença e a inércia gerais. Permitindo ao homem realizar-se na sua plenitude, dá-nos direitos, mas impõe-nos deveres dos quais resulta, em último caso, a nossa própria sobrevivência. E um desses deveres é não nos excedermos em nossos direitos, não nos empenharmos em manter privilégios sociais e econômicos que já não podemos usufruir, se quisermos salvar a liberdade e a paz. No entretchoque, a que assistimos, de duas civilizações desajustadas, à democracia política faz-se preciso juntar a democracia social e econômica, para que desapareçam as desigualdades contrárias à autêntica sociedade democrática. E isso com a preocupação antes de compor e conciliar que de agitar e destruir. Como disse Gilberto Freyre, saudando Roosevelt, “ser anti-marxista sistemático é ser hoje tão politicamente arcaico como ser sectariamente pró-marxista. Estamos já em pleno pós-marxismo”. A nossa era é de reconstrução social “pela conciliação ou combinação ou síntese de valores antagônicos ou diversos, dentro, o mais possível, de método ou processo democrático de conciliá-los”.

POETA DA DEMOCRACIA E DA AMÉRICA

Ao contrário do que imaginam alguns dos seus críticos, outra não seria hoje, por certo, a conclusão de Walt Whitman. Poeta da Democracia, como da América, glorificou a Personalidade, inclinou-se para o individualismo, mas não deixou de criticar-lhe os excessos nem se desapercebeu da existência da massa, acusado até de comunista por defender maiores direitos para os trabalhadores. Confiou no povo, destacou-lhe “a capacidade de grandeza histórica”, as “múltiplas e oceânicas qualidades”, e condenou o desinteresse da literatura e das classes cultas e semicultas da América pelos seus problemas. Queria que os homens no seu caminho não encontrassem obstáculos nem sofressem humilhações, tivessem todos de início o mesmo nível para se desenvolverem.

Se os queria assim, com iguais oportunidades e condições, não iria êle concordar com uma sociedade que “não pode satisfazer de modo profundo o ideal de fraternidade”, que não vê nos homens “as identidades, mas sobretudo as diferenças”, embora “sejam iguais as necessidades”. Pregando a camaradagem, a amizade, a fraternidade, a união, considerando-se mesmo uma síntese do Universo, não seria êle insensível às verificações e às soluções requeridas pelos novos tempos, se vivesse os nossos dias.

Eis por que assistimos com o maior prazer intelectual ao encontro de Walt Whitman, intérprete da América, e Gilberto Freyre, intérprete do Brasil, que se aproximam por vivos traços de afinidade, ambos tão universais para compreender, tão corajosos para afirmar, tão equilibrados para julgar, tão combatidos na sua vocação revolucionária e tão inflexíveis na determinação de elevar o Homem através da paixão e da fé democráticas.

Í N D I C E

Assis Chateaubriand	1
Lourival Fontes	9
Orlando Dantas	13
Gilberto Freyre e Walt Whitman	17

Senado Federal



SEN00034999